

# MERCADO DAS **MADRUGADAS**

---

POR **Patrícia Portela**

**D.M<sup>II</sup>**

TEATRO  
NACIONAL  
D. MARIA II

**BICHODOMATO**

## **BOLACHINHAS DA REVOLTA COM SALICÓRNIA** (com uma pitada de Elsa Bruxelas)

### **Ingredientes:**

800g de farinha  
4 ovos  
4 colheres de sopa de açúcar mal cheias  
300g de manteiga  
2 colheres de sopa de azeite  
2 colheres de chá de fermento para bolos (facultativo, mas, se não usar, as bolachinhas ficam mais duras)

### **Especiarias<sup>1</sup>:**

2 colheres de chá de tomilho seco  
2 colheres de chá de alecrim seco  
1 colher de chá noz-moscada  
½ colher de chá de cravinho moído  
2 colheres de chá de sal fino ou de salicórnia  
½ colher de chá de cardamomo ou anis estrelado (pisado no almofariz)  
1 conversa longa com uma amiga ou amigo que se junte para ajudar a amassar as bolachas  
1 copo de vinho ou um chá de ervas para acompanhar a tarde e a conversa  
Sal grosso e orégãos, alecrim ou tomilho para polvilhar

### **Preparação:**

Misturar a farinha, o fermento, o açúcar e o sal numa taça.  
Juntar a manteiga derretida e o azeite, amassando sempre.  
Juntar os ovos um a um e amassar tudo muito bem.

---

<sup>1</sup> As colheres são mal cheias e pequeninas, mas depende da qualidade das especiarias. Escolha no mercado e a granel.

Juntar as especiarias e amassar ainda melhor.

Formar as bolachas em círculos que devem ter 4cm de diâmetro e 4mm de espessura, sendo as margens ligeiramente mais espessas e o centro mais fino.

Polvilhar com sal grosso e especiarias a gosto (orégãos, tomilho ou alecrim) e calcar delicadamente com os dedos para que o tom da revolta fique ligeiramente enterrado nas bolachinhas.

Juntar as bolachinhas num tabuleiro e levar ao forno médio durante 15 minutos.

Retirar quando estiverem douradas.

Aconselha-se vivamente a preparar estas bolachas em boa companhia e no dia anterior ao do espectáculo.

*A peça inicia-se sempre com o pôr do sol. Numa praça vazia. Ninguém em cena, apenas um pouco de gravilha no chão e uma banda sonora de pássaros que anuncia a madrugada. Uma pessoa ocupa o espaço da gravilha e, sem sair do sítio, marca o mesmo ritmo dos passos de Francisco Fanhais<sup>1</sup> que anunciam a canção «Grândola Vila Morena». Uma canção que, ao longo desta peça, será várias vezes murmurada, mas nunca tocada ou cantada. Ao longe, avistam-se os carrinhos do mercado empurrados pela equipa do Mercado das Madrugadas (atores, atrizes, músicos, coreógrafa, luminotécnico, técnicos, produtores). Entram na praça, entoando uma canção de pescadores: «O Alar da Rede» (recolha de Giacometti, 1962). Empurrando as banquinhas de mercado, os atores contornam a praça, criando a arena onde irão atuar e escolhendo o lugar para montar o seu estaminé.*

---

<sup>1</sup> Excerto de entrevista do cantor Francisco Fanhais para a Rádio Renascença a 20 de abril de 2024 sobre a gravação de «Grândola Vila Morena» em França, em outubro de 1971: «O Zé Mário (Branco) decidiu que não haveria instrumentos, só vozes. Ele tinha na memória os grupos de trabalhadores alentejanos que, no fim do dia de trabalho, voltavam para casa e iam cantando na rua, arrastando os pés. No entanto, em estúdio, não tínhamos maneira de gravar esse efeito sonoro, dado que o chão era liso», adianta. Foi preciso, então, improvisar e sair para a rua. Ali perto se encontrou um local com gravilha no chão, o que constituía as condições ideais para reproduzir o ritmo e o som dos passos que acompanham a faixa musical. «Só havia um problema. No sítio onde esses passos podiam ser gravados, passava uma estrada. Quando nós começássemos a gravar, por mais que o quiséssemos evitar, passavam carros. A única hipótese foi gravar de noite. Eram então 03h00 quando fomos os quatro para essa zona onde havia a gravilha. O José Mário Branco, o Zeca, o Carlos Correia, que era quem na altura acompanhava o Zeca à viola, e eu próprio», conta o presidente da Associação José Afonso.

## ALAR DA REDE<sup>2</sup>

«Ala ala  
Ala ala  
Ala ala, hey  
Ala ala  
Ala ala, hey  
Ala ala,  
ala ala...»

*Quando todas as banquinhas param no seu lugar, a canção «Alar da Rede» termina. Os madrugadores pegam nas vassouras e fazem duas vénias: uma para o centro da praça; outra, olhando e cumprimentando-se uns aos outros, estendendo a vénia ao público que está a assistir. Vão até ao centro da praça e, num círculo, começam a limpar o chão, do centro para fora, em gestos semelhantes e ao mesmo ritmo. Enquanto limpam a praça, entoam a «Canção da Bancelada»<sup>3</sup>, na qual se ouve apenas O Mandador a dar indicações para trabalhar a terra com as enxadas.*

---

<sup>2</sup> O Alar da Rede é um cantar que acompanha o movimento de puxar as redes com peixe para dentro do barco. Um pescador dá as ordens e impõe o ritmo aos restantes pescadores. O alar desta praça foi inspirado no alar das redes registado no documentário de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça, de 1962.

<sup>3</sup> O grito nesta limpeza da praça é inspirado na «Canção da Bancelada», canção entoada pelo mandador e repetida pelos cavadores durante a cava da manta para a plantação do bacelo, nas Beiras, entre dezembro e março. O mandador, que também cava mas, sobretudo, impõe um ritmo aos cavadores, aproveita para improvisar durante os seus gritos e enviar mensagens ao proprietário da terra sobre as condições de trabalho no campo. Ao longo do *Mercado das Madrugadas*, escolhemos sobretudo canções de trabalho, ao invés das mais expectáveis canções de protesto, por querermos introduzir este aspeto diário da luta e da labuta por uma mudança, por uma Revolução, realizada em conjunto, com esforço, presença e ritmo.

O MANDADOR Hey, a ronda começa, e vamos a ver  
E lança outra...  
Vá! Abaixo e vai ao fundo, hey!  
Aqui a escavar, homem  
Ah, malta santa  
Ah, coração lindo  
Abaixo e *amanda-lhe* com a outra...  
Aqui estou eu e a minha gente...  
Ahhh certinhos, certinho  
Anda bem com esses sulcos  
Racha tudo  
Agora à esquerda  
Carrega melhor...  
Volta preparada?  
Ah, a terra nova que vai e vem  
Abaixo o ferro  
Carrega com o outro  
Agora vem  
Agora com a outra  
E manda à esquerda  
Traz tudo  
Abaixo e mais ao fundo  
Ah, minha gente santa...

*Quando terminam a limpeza da praça, arrumam as vassouras e começam a montar os toldos e as banquinhas do mercado<sup>4</sup>. Distribuem bancos pela praça*

---

<sup>4</sup> As banquinhas-baú deste mercado foram desenhadas, por várias noites dentro, com João Gonçalves, arquiteto e *designer* com quem colaborei em *Parasomnia* e *A Coleção Privada de Acácio Nobre*, e são inspiradas nas banquinhas de comida do mercado em Marraquexe e na peregrinação que os vendedores

ao som de uma versão instrumental de «Galinhas do Mato», de José Afonso, num arranjo de Miguel Abras. Quando todas as banquinhas estão montadas e todas as luzes acesas nas banquinhas, Elsa Bruxelas toca flauta<sup>5</sup>

fazem, todos os dias, pelas quatro da tarde, hora em que vão buscar os seus carrinhos às garagens da Câmara, espalhadas à volta da praça, e preenchem os seus lugares na praça, transformando, em pouco tempo, uma imensa praça vazia numa festa de aromas e sabores.

<sup>5</sup> O namoro da Elsa Bruxelas com a flauta que inicia o *Mercado das Madrugadas* começou quando ela tinha cinco anos e vivia com a avó que, sabe-se lá por que mistérios, além de ter e saber tocar múltiplos instrumentos, tinha uma paixão invulgar por flautas de bambu. A sua avó desenvolveu um método próprio e ensinava crianças invisuais no Centro Helen Keller, em Lisboa, a fazer as suas próprias flautas e a tocar. Aos cinco anos, a Elsa desenhou um pastor rodeado por ovelhas a tocar flauta (porque todas as flautas eram construídas por pastores, achava ela, à exceção das flautas da sua avó) e, quando a sua avó viu o seu desenho, decidiu ajudá-la a construir a sua primeira flauta, um soprano em dó. Desde então, a Elsa nunca mais parou de construir flautas de todos os tipos, tamanhos, afinações e tonalidades várias, apesar da desaprovação da sua avó, que achava importante seguir um modelo pré-estabelecido. A Elsa Bruxelas foi uma pérola que descobri quando conheci a «Ostra Monstra Sagrada» Diogo Dória e lhe disse que procurava um coro para se juntar às *Madrugadas*. A Elsa vinha para as primeiras reuniões das *Madrugadas* e discutia acerrimamente qualquer tema, e tinha sempre uma história para contar sobre algo que vivera e que nós só conhecíamos dos livros ou das notícias. Logo no primeiro encontro, a Maria Repas, magna diretora musical deste espectáculo e dinamizadora de vários grupos corais, percebeu que conhecia esta avó da Elsa. No segundo encontro, percebemos que são a sua flauta e o seu sopro que ouvimos na famosa gravação da «Carvalhesa», lançada todos os anos por megafones instalados no topo de carros em manifestações e festas do Avante. Ela trazia a sua flauta no bolso e eu disse-lhe que queria todas as canções *a cappella*, talvez com percussão, mas pouco mais. «A Revolução faz-se com as mãos livres e sem instrumentos que obriguem a grande despesa de deslocação ou afinação», disse eu, muito sábia. A Elsa sorriu (e quem a conhece ouve logo o som e vê os seus dentes muito brancos a brilhar), pegou logo na sua flauta mágica e contou-me esta história: «Construir uma flauta começa na escolha da cana», explicou-me. «Quando observas uma cana de bambu e pensas no som que ela vai ter, é quase uma questão de fé. Um dia, encontrei uma cana preta, linda! Nunca tinha visto um bambu tão preto. Construir uma flauta em bambu preto era especial e pouco comum. Mas a cana era estreita demais para fazer uma flauta sopranino em sol. Talvez nem desse para fazer todos os buracos, mas

*como quem anuncia a chegada dos amoladores, ou como quem anuncia a chegada de chuva pela madrugada, ou como quem dá início a este espectáculo.*

---

era tão irresistível que fiz a flauta na mesma. Fiz um sopranino em lá, deve ser o único que existe em bambu... Ao primeiro som, fiquei encantada com a força e intensidade que mais nenhuma outra flauta tinha. Passei a andar com ela para todo o lado e tocava-a na rua, no liceu, por aí. Um dia, numa festa no Teatro da Comuna, o Vitorino e o Sérgio Godinho ouviram-me tocar e vieram perguntar-me se queria tocar com eles. Foi assim que comecei a percorrer o país, a acompanhá-los em concertos, e a outros cantores como o Adriano Correia de Oliveira. Um dia, pediram-me para tocar a "Carvalhesa", o Fausto fez os arranjos, ou organizou a gravação, já não me lembro bem. Desde aí, todos os anos a (me) oiço livre pelas ruas, a soar cristalina e forte. Adoro a minha flauta, já tentei fazer outra igual, mas é impossível. Esta é um sopranino em lá especial que ainda me acompanha sempre.» Nem sei como não nos ocorreu juntar esta história às histórias que foram contadas neste *Mercado*. Se virem um caminho para acrescentarem estas palavras ao texto, por favor não hesitem.





## PARTE I – QUEBRAR DUAS OU TRÊS REGRAS POR DIA

**DIOGO DÓRIA**<sup>6</sup> Boa tarde. Que bom ter tantos potenciais grevistas aqui, hoje, connosco. Cabe-me a mim apresentar-vos esta praça e os seus contadores de histórias – o João, a Célia, a Stela, a Fred, a Beatriz, a Mónica, o Miguel, a Ana, a Vânia –, os vendedores de chá, as floristas, os académicos das revoluções e das praças públicas, os vencidos da vida, os sábios das sarjetas, as senhoras que vão ao teatro com as amigas (*apontando para o público*), os encantadores de serpentes, os vendedores de macacos e de camaleões, os executivos que passam por aqui depois de passarem pelo Gambrinus, onde comeram um croquete. (*Apontando para transeuntes que passam*) Quero falar-vos desta praça: dos faquires e dos mágicos, dos malabaristas e dos acrobatas de esquina, dos músicos

---

<sup>6</sup> Diogo Dória é sinónimo de ator, sinónimo de Manoel de Oliveira, ou João César Monteiro, ou Raul Ruiz, ou Jorge Silva Melo. Diogo Dória é sinónimo daqueles mestres que ensinam, que encenam Beckett, que traduzem Nathalie Sarraute ou Pinget, que trabalham tanto com a Comuna como com a Cornucópia, e que, ao mesmo tempo, e enquanto tentamos aprender tudo o que podemos com eles, estão sempre à procura de um desafio novo, de um lugar novo, de uma peça que nunca tenham lido ou de um tema sobre o qual ainda não tenham pensado. Um dia, apanhei o Diogo Dória à saída de uma peça de teatro – em cuja dramaturgia eu tinha participado – e, ao perceber que tinha gostado, confessei-lhe: «Adorava trabalhar contigo!» Ele disse logo que sim, como quem aceita um convite para tomar café! Eu inventei logo um projeto! Mas, entretanto, era este que eu queria fazer. Eu disse-lhe que fazia este antes de fazer o próximo. Ele continuou a dizer que sim. Muito do que está entre estas páginas surgiu de muitas conversas que tivemos sobre o que é viver um momento na vida em que se sente que tudo é possível e, ao mesmo tempo, se sabe que uma sensação como essa não pode durar. Foi para tentar reproduzir essa sensação – que uns viveram e muitos desejam – que escrevi este *Mercado das Madrugadas*.

[DIOGO DÓRIA e dos hipnotizadores de massas. Vou contar-vos o que  
*cont.*] aconteceu aqui, nesta praça: em 1506, em 1640, em 1755,  
em 1910, em 1974, em 1984, em 1986, em 1998, em 1999...  
Numa praça como esta, come-se, festeja-se, celebra-  
-se, dorme-se, sonha-se, tortura-se, mata-se, chora-se,  
fuzila-se...

Numa praça como esta, aprendes sobre quem chega  
do mar da palha, vindo de terras distantes, e sobre os  
nómadas que vêm do deserto vizinho, no norte de África,  
à procura de outro sol, à procura de mais sal. É na praça  
que as mulheres aristocratas são presas por procurarem  
prostitutos escravos, e que os fidalgos negros da Ordem  
de Santiago regateiam, a cavalo, com judeus brancos,  
enquanto as aguadeiras vendem água a troco de uma  
barra de sabão. É na praça que tu provas pela primeira  
vez o que te faz arder a garganta, o que te faz mais forte,  
o que te mete mais medo, o que te dá alguma esperança.  
Na Praça do Comércio, queimas bruxas; no Largo de São  
Domingos, matas judeus; no Largo Joaquim de Melo  
Freitas, decapitas republicanos; na francesa Praça de  
Versalhes, guilhotinas rainhas depois de veres marchar  
sete mil mulheres que te pedem mais pão. Na italiana  
Praça de São Marcos, celebras o Carnaval; na madri-  
lena Praça Dois de Maio, fuzilas quatrocentos e quatro  
homens e mulheres, nenhum deles espanhol.

Repara nas pessoas à tua volta: quantas estão impa-  
cientes? Quantas acham que já sabem o que vão ouvir?  
Quantas estão curiosas? Porque vieram? Porque ficaram?  
Sabemos porque estamos aqui?

Talvez por causa de uma decisão errada, ou por causa  
de um autocarro que apanhámos demasiado tarde, ou

por causa de um amigo que gosta muito de ir ao teatro...  
Talvez, muito secretamente, estejamos todos à procura  
daquela solução para a nossa vida, numa história, num  
livro ou num espectáculo, já que não a encontramos em  
mais lado nenhum...  
Talvez precisemos de companhia para aguentar este dia,  
esta fase, estes tempos de tantos perigos.  
Escuta a praça com atenção!  
Esta praça já passou por muita transformação.  
E agora? E agora?

*O Coro das Madrugadas e todos os performers da peça  
entram na praça e cantam uma nova versão da «Cantiga  
da Roda»<sup>7</sup>.*

### CANTIGA DA PRAÇA PARADA

«Esta praça está parada...  
Ai esta praça está parada  
Na casa do ditador  
Ai na casa do ditador

Ai este tempo está parado  
Ai este tempo está parado  
Por falta do tocador  
Ai por falta de tocador»

---

<sup>7</sup> A «Cantiga da Roda» é uma canção entoada enquanto se dá roda com os pés a um moinho de água (recolha de Giacometti em 1972).

**CÉLIA FECHAS<sup>8</sup>** Do que estou eu à espera para mudar? Do que preciso para sair porta fora, na garupa de um cavalo, furiosa, a galope, lançada em todas as direções?  
Se eu ficar à espera de chegar àquele buraco que é sempre mais fundo para finalmente ter forças para mudar, é um pouco como beber veneno e esperar que os outros morram.  
Se ficar à espera de estar muito segura das minhas convicções, bem posso esperar sentada. Com a falta de confiança que tenho, por certo todos os caminhos me parecerão, à primeira vista, impossíveis.  
Posso sempre escolher esperar pelas condições e circunstâncias ideais, mas temo não dar por elas.  
Falta-me inspiração!  
Mas onde encontrar a inspiração que me catapultará para a mudança?

---

<sup>8</sup> A Célia Fechas é, provavelmente, a atriz com quem mais trabalhei e amigui desde 2000. Ela, com um percurso no Porto e, mais tarde, no Teatro Regional de Montemuro, e eu com um percurso mais chegado a Lisboa e, mais tarde, um pouco pela Europa fora, fomos vizinhas em Antuérpia durante quase duas décadas. Começámos a trabalhar juntas por causa de uma companhia belga com nome de cão que foi obrigada a ir para o Espaço – Laika –, onde criámos *Odília*. Desde então, fomos cúmplices em *Banquete*, *Audio Menus*, *Parasomnia*, *Fúrias*, *Reconciliação*, *Trauma*, e no mais recente *Aventuras*, além de companheiras de discussão, de vida emigrante e de dois anos de COVID-19 em que questionámos tudo o que havia para questionar: «Porque tomamos as decisões que tomamos? Porque não as tomamos? Porque levamos tanto tempo a tomar as mais óbvias? Porque tomamos decisões que sabemos ser erradas? Quem nos garante que o que está agora certo nos fará sentido mais tarde? E porque não ficas para jantar, mesmo sabendo que já ultrapassámos a hora do recolher obrigatório? Porque não quebrar mais uma regra? E porquê quebrar uma regra se mais ninguém a quebrar? Porque fazemos teatro e não temos outra profissão que interfira mais na vida social dos nossos pares? Ou como podemos fazer um teatro que interfira?» A Célia Fechas não poderia faltar no *Mercado das Madrugadas*.